

'O caso do Parque Ecológico Sitiê'

Biblioteca Semeia – Setembro, 2014

Referências: Compilado de artigos e notícias sobre o Parque do Sitiê e visita ao local em setembro de 2014.

Para mais informações: comunicacao@semeia.org.br

O caso do Parque Ecológico Sitiê

Por que este caso foi escolhido pelo Semeia?

O Semeia busca, por meio do aprimoramento de modelos de gestão em parques nacionais, estaduais e municipais, transformar esses espaços em fonte de riqueza, desenvolvimento socioeconômico e qualidade de vida para a sociedade. Experiências recentes demonstram que muitos dos arranjos que têm surgido em parques urbanos de todo o mundo, envolvendo os vários setores da sociedade, podem trazer inspirações de grande relevância para a nossa temática.

O papel dos parques urbanos em contribuir para a melhoria da qualidade de vida, por meio de inovações no ambiente das cidades, é visível e ganha expoentes no Brasil. O Parque Ecológico Sitiê, no Rio de Janeiro, faz parte dessa realidade e traz elementos importantes do ponto de vista de desenvolvimento e coesão social.

Com as próprias mãos, moradores do Morro do Vidigal transformaram um antigo lixão nesta área verde que hoje funciona como um catalisador de projetos de vanguarda. Legitimado pela comunidade, a iniciativa já atrai parcerias intelectuais e financeiras, em âmbito nacional e internacional, que têm colocado o parque em posição de destaque como vetor do processo de urbanização dessa região.

Estamos convencidos de que este caso enriquece o debate sobre como o uso público em parques pode estimular a conservação, o desenvolvimento socioeconômico e o bem-estar em núcleos urbanos e não urbanos.

Entre todas as favelas pacificadas do Rio de Janeiro, a do Vidigal é uma das que enfrentam os processos mais radicais de transformação. Localizada entre as praias do Leblon e de São Conrado, sobre o Morro Dois Irmãos e com uma vista deslumbrante para o mar, tem aproximadamente 20 mil moradores. Com renda familiar superior à média da cidade, já entrou na rota dos cariocas e turistas que procuram opções de lazer diversificadas.

É neste morro que, nos últimos anos, uma área de 90.000 metros quadrados vem sendo transformada no Parque Ecológico Sitiê, a partir do qual entusiastas buscam promover um exemplo de real integração entre a favela e o asfalto.

A área onde hoje está localizado o Sitiê foi ocupada por habitações irregulares há mais de duas décadas. No período de execução do programa de urbanização conhecido por “Favela Bairro”, iniciado em 1994, a prefeitura do Rio de Janeiro desocupou e destruiu as casas do local. Entretanto, não retirou a grande quantidade de entulho gerado pela demolição. Os restos de construção, de móveis e de eletrodomésticos, associados à baixa frequência da coleta

de lixo no Vidigal, contribuiu para que moradores do entorno passassem a jogar ali seu lixo doméstico. O local transformou-se, assim, em um lixão.

Em 2006 o espaço acumulava 16 toneladas de lixo e escombros. Incomodados com o abandono e a insalubridade do local, dois dos moradores mais próximos da área, Mauro Quintanilha e Paulo César Almeida, decidiram limpar o local por conta própria, sem nenhum apoio do poder público. No início, a dupla retirava o entulho e os demais moradores, ainda pouco conscientizados, voltavam a jogar lixo no terreno. Uma das alternativas encontradas para romper com esse (mau) hábito foi o plantio de alimentos nos espaços que se abriam e a distribuição dos produtos da horta para os moradores. Com isso, a iniciativa promoveu e fortaleceu o engajamento da comunidade com o espaço.

Após seis anos de trabalho, já com o apoio de mutirões locais e dos garis comunitários, a maior parte do lixo havia sido removida, e a área ganhou, então, o nome de Sitiê (fusão de “sítio”, modo como os moradores se referiam ao lugar, com o pássaro rubro-negro frequentemente encontrado no local, o tiê-sangue).

Mauro e Paulo intensificaram suas ações, começaram a implementar atividades de reflorestamento, reciclagem, paisagismo, agricultura urbana e construção de escadas. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro doou mudas. Os pneus de carro e bicicleta, que os donos de uma borracharia no alto da mata rolavam morro abaixo, foram preenchidos com parte do entulho retirado do lixão e formaram escadas. Foi Mauro quem teve a ideia de usar os pneus como escadas para deixar as descidas e subidas do Sitiê mais transitáveis, atraindo mais moradores e visitantes ao local. O mesmo entulho foi usado para a construção de bancos de pet.

Em 2012, o jovem Pedro Henrique de Cristo, arquiteto que havia acabado de se tornar mestre em políticas públicas pela Escola de Governo J. F. Kennedy, da Universidade de Harvard, mudou-se para o Vidigal e se juntou aos membros do Sitiê. Com os fundadores, Pedro idealizou o projeto para transformar o Sitiê em um parque ecológico e instituto de meio ambiente, artes e tecnologia, com arquitetura de alto nível, voltada para o aprendizado e a sustentabilidade, e integrada às técnicas de construção com materiais reciclados desenvolvidas e aprimoradas com Mauro.

Exemplo disso foi que, nesse período, os mesmos pneus empregados nas escadas tiveram seu uso codificados (por exemplo: ângulo de altura e base, densidade, etc.) e expandidos, sendo também preenchidos com entulho e presos ao solo com concreto, como contenção de uma encosta escavada para a abertura de um anfiteatro ao ar livre. Denominado de Ágora Digital, o projeto fruto da parceria entre o Sitiê e o +D, virou *case* retratado no livro *Responsive City*, que fala sobre inovações na democracia e nas cidades (autoria de Susan Crawford, diretora do Centro Berkman para Tecnologia e Sociedade de Harvard).

O local hoje funciona como um espaço para diálogos, apresentações públicas e deliberação sobre questões da comunidade. Um jardim vertical foi idealizado com garrafas pet. Bicycletas velhas transformaram-se em mesas coloridas. A ideia para o futuro é que o espaço ganhe banheiros e internet sem fio. Mais à frente, o grupo pretende

construir também um centro de educação. Na companhia da equipe de arquitetos do +D, Pedro virou noites na elaboração dos primeiros projetos de design para o parque.

O sonho é grande e pretende aliar a “inteligência contextual” dos moradores, o “capital inteligente” de investidores e a “expertise” de Pedro, sua esposa, Caroline Shannon de Cristo, e de parceiros, em projetos que integrem urbanismo, educação e democracia direta dentro de uma matriz de design composta por políticas públicas, arquitetura e tecnologia.

A iniciativa já atrai parcerias importantes com instituições como Arq.Futuro e a Fundação Getúlio Vargas. Para que essas parcerias possam ser ampliadas e consolidadas, está em curso o processo de formalização do Sitiê, que prevê a demarcação dos limites do parque, a criação de um instituto para geri-lo e de um fundo de investimentos que, com seu *endowment*, proverá grande parte da sustentabilidade financeira do parque.

Embora esse processo de formalização não esteja concluído, o projeto já atraiu investimentos privados e apoio de nomes de referência ligados à inovação em espaços urbanos. Esses investimentos iniciais permitem que Mauro e outros dois moradores do Vidigal hoje recebam salário para trabalhar no parque em tempo integral.

Na opinião dos fundadores, a coleta de lixo e entulho nunca acabará. O trabalho de manutenção do jardim, da horta e o reaproveitamento de materiais também continuará. A diferença agora é que os fundadores trabalham integrando seu conhecimento às técnicas mais avançadas de design sendo desenvolvidas em Harvard e no MIT, e começam a se dividir entre o dia a dia no parque e as reuniões com investidores, na companhia de Pedro e Caroline. Assim, atuam como lideranças no processo de integração urbana que ocorre na cidade. A aproximação entre realidades tão diferentes acontece na prática e, nesse inovador exemplo de coesão social, ganha força.

Hoje, o Sitiê é referência também para o renomado grupo de inovadores que desenvolveu o Urbanismo Social em Medellín, pois soluciona três problemas fundamentais das favelas ao redor do mundo:

[1] Transforma áreas degradadas pelo lixo em espaços públicos sustentáveis inicialmente com limpeza, reflorestamento e agricultura urbana;

[2] Controla o crescimento desordenado da comunidade, ao mesmo tempo em que realiza a conservação do meio ambiente, fortalecendo o capital social da comunidade e sua atuação na proteção à natureza;

[3] Realiza a contenção de áreas de risco de erosão por meio do uso de materiais reciclados de baixo custo e alta eficiência, como no caso dos pneus da Ágora Digital.

Alejandro Echeverri, criador do Urbanismo Social, chegou a definir soluções sistematizadas nos moldes do Sitiê como urgentes para Medellín. Apesar de os projetos realizados por ele e sua equipe no governo de Sergio Fajardo terem revolucionado o urbanismo, na sua opinião faltou algo essencial: envolver mais a comunidade – desde o princípio – no processo de desenvolvimento, o que fez com que o entorno não se apropriasse das obras e, por conseguinte, não realizasse a manutenção dos espaços em conjunto com o poder público. Esse contexto eleva, então, os custos de manutenção e reduz, assim, a capacidade de investimento da prefeitura em outras áreas da cidade.

O Parque Ecológico Sitiê, uma área verde reinventada pela comunidade para substituir um lixão por meio de inovação com viabilidade econômica, representa o primeiro passo para o processo de transformação urbana e social que ganha força no Morro do Vidigal. Inicialmente com pouco conhecimento teórico sobre sustentabilidade e meio ambiente, seus idealizadores promoveram uma admirável e inovadora iniciativa em termos de conservação e desenvolvimento, hoje exponencializada pela parceria com expertise de excelência de diversas áreas. Transformaram o espaço degradado e o devolveram aos moradores, legitimando a iniciativa com o apoio da comunidade, mostrando-se abertos a parcerias e atraindo hoje investimentos intelectuais e financeiros de vanguarda enquanto não só mantêm, mas também aprimoram a liderança da comunidade nesse projeto, fator fundamental para sua sustentabilidade.

Referências Bibliográficas

“Conexão Vidigal-Harvard-asfalto transforma lixão em parque educativo”. **Portal IG** [online], 28/03/2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2013-03-28/conexao-vidigal-harvard-asfalto-transforma-lixao-em-parque-educativo.html> Acesso em: 21/09/2014.

“Carioca Nota 10: Pedro Henrique de Cristo”. **Veja Rio** [online], 23/10/2013. Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/educacao-da-semana/carioca-nota-10-pedro-henrique-cristo-757531.shtml> Acesso em: 21/09/2014.

“Lixão em favela no Rio vira área de preservação”. **Folha de São Paulo** [online], 01/12/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/141645-lixao-em-favela-do-rio-vira-area-de-preservacao.shtml> Acesso em: 21/09/2014.

“Laboratório Vidigal – As experiências de um ativista gestor”. **Revista Piauí** [online], 09/2014. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/educacao-96/esquina/laboratorio-vidigal> Acesso em: 21/09/2014.